

sionadas pelo Espírito Santo, confrontar-se com a Palavra de Deus e com os desafios que vêm da realidade:

- trabalhar mais com as massas e não se fechar em pequenas elites;
- acolher melhor a religiosidade popular e respeitar o uni-

Para que a Igreja se faça mais e mais evangélica e mais e mais servidora

verso simbólico do povo, evitando o perigo de um excesso de racionalismo, principalmente dos agentes de pastoral mais intelectualizados;

- abrir-se ao pluralismo, evitando atitudes sectárias⁽⁸⁾.

No conjunto, espera-se que, diante dos 500 anos da Evangelização da A.L., esta experiência das CEBs se consolide e, sem ficar parada nas formas do passado ou do presente, continue acompanhando as mudanças da sociedade e mantenha uma relação dinâmica entre fé e vida, para que a Igreja se faça mais e mais evangélica e mais e mais servidora de todos os homens e mulheres sem distinção. Pois, no respeito às culturas e na escuta do clamor do povo, a Igreja deve ser solidária e lutar pela Libertação, tornando-se assim servidora fiel do Deus da vida.

NOTAS

- (1) III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, Conclusões de Puebla, Ed. Loyola, SP, 1979, nn. 87 a 89.
- (2) Leon-Portilla, M. *A Conquista da América Latina vista pelos índios*. Relatos astecas, maias e incas. Ed. Vozes, Petrópolis, 1984, p. 21.
- (3) Id., *ibid.*, p. 20.
- (4) CELAM, IV Conferência. . . *Memória Indígena*, Bogotá, 1991, pp. 36-37.
- (5) Cit. por GUTIERREZ, G., *O Deus da Vida*. Ed. Loyola, SP, 1990, p.89.
- (6) Id., *ibid.*
- (7) BOFF, Clodovis. *CEBs e a questão da cultura*, in REB, 1991, fasc. 201, março, Ed. Vozes, Petrópolis, p. 167-175.
- (8) TEIXEIRA, Faustino L. C. *CEBs, recriação evangelizadora*, in "Tempo e Presença", RJ, n° 234, setembro de 1988, p. 30-32.

Bibliografia para aprofundar:

1. BOFF, Leonardo e ELIZONDO, Virgílio (org.). "1492-1992 — A voz das vítimas", in Concilium 232, 1990/6, dez. 1990.
2. BOFF, Leonardo. "Nova Evangelização — Perspectiva dos oprimidos". Ed. Vozes, 1990.
3. SOTER, J. B. Libânio et alii. "América Latina: 500 anos de Evangelização". Ed. Paulinas, SP, 1990.
4. SUESS, Paulo, "Culturas e Evangelização". Ed. Loyola, SP, 1991.

Endereço do autor:
Seminário Teológico de Fpolis
Caixa Postal 5.041
88041-970 — FLORIANÓPOLIS — SC

A NOVA EVANGELIZAÇÃO — RELEITURAS POSSÍVEIS

Pe. Orlando Brandes
Professor de Teologia Moral

Introdução

Desde o Vaticano II, Medellín, Puebla, a Igreja voltou-se mais intensamente para sua missão evangelizadora. Mas, dois acontecimentos históricos motivaram a urgência de uma "Nova Evangelização" (N.E.): os quinhentos anos de evangelização da América Latina (1492-1992) e a proximidade do Terceiro Milênio. Além disso, aumenta a secularização, as seitas e a cultura da morte. Tais fenômenos afastaram os batizados da Igreja e do seguimento de Cristo, tanto que estamos num mundo pós-cristão, isto é, um mundo bastante caracterizado pelo paganismo e novo "pelagianismo", que significa viver "como se Deus não existisse", o homem bastando-se a si mesmo.

Diante destes e outros fatos, João Paulo II anuncia um plano pastoral e missionário: a "nova evangelização". Seu apelo foi acolhido pela Igreja Universal, e cada país ou região adapta a proposta segundo suas circunstâncias, necessidades e apelos.

Nosso trabalho tem por objetivo conhecer melhor em que consiste a proposta da N.E., mas principalmente entender as suas "releituras e interpretações", visto que a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo tem como lema: *A Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã. Cristo Ontem, Hoje e Sempre*.

A literatura é vasta. Além dos documentos do magistério, a revista *Seminarium* dedicou um número monográfico sobre o tema (*Seminarium*, janeiro-março, 1991). A C. R. B. publicou:

"Nova Evangelização e Vida Religiosa no Brasil" (Publicações C. R. B., Rio, 1989). ITER, Instituto de Teologia para Religiosos de Caracas, dedica seu primeiro número integralmente à nova evangelização. No decorrer do trabalho entraremos em contato com outros autores. Mais que uma "bandeira", a N.E. quer ser uma práxis missionária. E o leit-motiv, ou melhor, o clamor de todas as consciências é este: "AI DE MIM SE EU NÃO EVANGELIZAR" (1 Cor 1,16).

Por questão de brevidade não incluímos em nossa pesquisa os Documentos do CELAM em preparação a Santo Domingo, sobre o nosso assunto, os quais se intitulam: "Elementos de Reflexão" (Loyola, São Paulo, 1991) e o "Documento de Consulta" (Paulinas, 1991). Nessa documentação as reflexões são tão vastas, que merecem uma ulterior pesquisa.

I. Dados Históricos

O projeto da Nova Evangelização (N.E.) é criação e iniciativa do Papa João Paulo II. O anúncio foi feito em 1983 na cidade de Porto Príncipe (Haiti), falando ao Celam. Neste lançamento do projeto o Papa diz que não se trata de uma reevangelização, mas de uma "nova evangelização" em três dimensões: "nova no ardor, nova no método, nova nas expressões".

No ano seguinte (1984), na cidade de Santo Domingo (República Dominicana) João Paulo II volta ao assunto convidando a Igreja a uma "novena" de preparação para a celebração dos 500 anos de evangelização na América Latina (1492-1992). Seriam

Quem vai evangelizar é uma Igreja unida, em colegialidade, e os direitos humanos serão o objetivo primeiro da ação evangelizadora

nove anos de preparação para a reunião do episcopado latino-americano em Santo Domingo. Nesta ocasião o Papa explica as três expressões: a) *Nova no ardor*, significa o dinamismo missionário que vem da santidade do evangelizador e gera o impulso missionário. b) *Nova no método*, significa maior criatividade, especialmente no campo da catequese. c) *Nova na expressão*, a evangelização deve ser feita num espírito de colegialidade, de unidade eclesial, na luta pelos direitos humanos e linguagem simples. Quem vai evangelizar é uma Igreja unida, em colegialidade, e os direitos humanos serão o objetivo primeiro da ação evangelizadora.

Em 1987, na visita pastoral à Argentina, em Viedma, falando aos indígenas, o Papa retoma o tema da nova evangelização que se efetuará segundo as "condições do tempo presente".

No ano de 1988, na cidade de Salto (Uruguai) o Santo Padre faz um discurso sobre o famoso texto de Lucas (4, 18-20) conhecido como discurso programático de Jesus, onde o Salvador delinea o projeto do reino. João Paulo faz uma "releitura" do texto aplicando-o à nova evangelização. Agora a novidade no ardor é a santidade de vida e compromisso com a história, a novidade no método consiste em envolver de modo especial os leigos na evangelização, e a novidade nas expressões está em enfrentar as situações de injustiça.

Na história do projeto da N.E., os discursos feitos em Porto Príncipe, Santo Domingo, Viedma e Salto constituem a plataforma inicial do projeto evangelizador promovido pelo Santo Padre. Iremos constatar que o Papa mesmo irá ampliar sua cosmovisão sobre o projeto inicial. Ele voltará constantemente ao assunto. Um marco notável na evolução do pensamento papal foi a reflexão do Pontífice na "Alocução Mariana de Domingo" (29 de março 1992). Assim fala o Papa: "Múltiplas e urgentes são os desafios que o nosso tempo põe à nova evangelização: o necessário incremento do número dos evangelizadores, o renascimento das estruturas eclesiais, o potenciamento da catequese, o confronto com a expansão e agressividade das seitas, a resposta ao clamor pungente dos pobres, dos camponeses, dos índios, a decidida e vigorosa defesa da vida desde o seio materno até ao seu termo natural. Além disso, como não recordar as inúmeras crianças abandonadas pelas ruas das grandes cidades latino-americanas... É preciso assegurar a paz e o respeito pelos direitos humanos e evangelizar em profundidade as culturas" (Cf. O. R., 5 de abril, 1992).

II. A Nova Evangelização no Magistério da Igreja

Depois que João Paulo II convocou a Igreja para a nova evangelização, coube ao magistério acolher, aprofundar, e colaborar na compreensão e na continuidade do empreendimento. Vejamos os principais documentos.

I. No Documento Sobre os Leigos.

A Exortação Apostólica "*Christifideles Laici*" (nº 34) refere-se à N. E. constatando que há países e regiões que foram prósperos

na religião e vida cristã, mas hoje encontram-se radicalmente transformados pela difusão do indiferentismo, do secularismo e do ateísmo. É o caso do Primeiro Mundo, onde se vive como se Deus não existisse. Já nos países onde se conserva a religiosidade popular, corre-se o risco do secularismo e da difusão das seitas. "Só uma nova evangelização poderá garantir o crescimento da fé".

É urgente refazer o "tecido cristão" da sociedade humana, mas sob a condição de se refazer o tecido cristão das próprias comunidades eclesiais. O documento nos convida a "abrir as portas ao Redentor". Escancarar as portas e sem medo, porque Cristo conhece o homem e o exalta. A N.E. deve criar comunidades maduras onde cresce a fé e acontece a adesão a Cristo e a conseqüente ação missionária.

2. Na Encíclica "Redemptoris Missio".

Este famoso documento distingue três situações distintas em relação à evangelização: a) A missão "ad gentes" onde Cristo e seu evangelho não são conhecidos, onde faltam comunidades cristãs. b) A situação onde existem comunidades estruturadas e se dá a irradiação do evangelho através da ação pastoral. c) A situação onde os batizados perderam o sentido da fé, afastaram-se da Igreja, vivem longe de Cristo e do evangelho. Neste

As antigas Igrejas estão evangelizando os batizados

último caso torna-se necessária uma "nova evangelização" ou reevangelização. As antigas Igrejas estão evangelizando os batizados, pois em sua própria casa estão os não-cristãos.

3. Na Encíclica "Centésimus Annus".

O Papa escreve nesta encíclica: "a N.E., da qual o mundo moderno tem urgente necessidade e sobre a qual várias vezes insisti, deve incluir entre as suas componentes essenciais o anúncio da doutrina social da Igreja, tão idônea hoje como no tempo de Leão XIII" (nº 5). Mais adiante escreve: "A doutrina social da Igreja por si mesma tem o valor de um instrumento de evangelização" (nº 54).

4. Na Exortação Apostólica "Pastores Dabo Vobis".

Aqui a N.E. é descrita nos seguintes termos: "Hoje a tarefa prioritária da nova evangelização exige dos sacerdotes radical e integralmente estarem imersos no mistério de Cristo e capazes de realizar um novo estilo de vida pastoral, marcado por uma profunda comunhão com o Papa, os bispos e entre si próprios e por uma profunda colaboração com os leigos, no respeito e na promoção de diversos papéis, carismas e ministérios no interior da comunidade eclesial" (nº 18).

Em outro lugar diz: "A N.E. tenha nos sacerdotes os seus primeiros "novos evangelizadores" (nº 2). Lemos ainda: "A experiência de uma Igreja solicitada para a "nova evangelização" abre o coração e a vida da juventude a ideais fascinantes e comprometedores que podem encontrar a sua concreta realização no seguimento de Cristo e do sacerdócio" (nº 9). Por fim, o documento afirma: "a Igreja sente que pode garantir, já no presente e para o futuro, sacerdotes bem formados, que sejam convictos e bem fervorosos ministros da nova evangelização, servidores fiéis e generosos de Jesus Cristo e dos homens" (nº 10).

Na Carta Apostólica aos Religiosos da América Latina.

O Santo Padre convoca os religiosos latino-americanos à nova evangelização para que se vivifiquem as raízes católicas, a religiosidade popular, as tradições e culturas desses povos. Os religiosos são convidados a evangelizar a partir de uma profunda experiência e Deus, com o espírito dos fundadores, em comunhão com os pastores, em colaboração com os sacerdotes e leigos. O desafio está em penetrar o coração do homem e as estruturas sociais, assumindo toda a riqueza cultural dos povos e etnias do continente.

João Paulo elogia os religiosos por estarem no coração das grandes metrópoles e nas periferias, como também entre os indígenas (nº 28). Finalmente convida-os a partilharem de "sua pobreza" e a se disporem a ser missionários em outras nações.

6. A Nova Evangelização em Outros Discursos Papais.

6.1 Aos Bispos da Lombardia.

É tempo de uma nova evangelização para preparar jovens gerações de apóstolos, para passar de uma fé de costume para uma fé que seja opção pessoal, celebrada na liturgia e vivida na caridade. É preciso promover no povo um assíduo contato com a Bíblia, muita atenção à pastoral da juventude e pastoral vocacional, uma cuidadosa catequese para adultos a fim de que eles sejam estimulados a inserir-se no mundo da cultura, das realidades sociais e do empenho político (Cf. O. R. 24.02.1991, pág. 9).

A Igreja do Terceiro Milênio nascerá da reevangelização

6.2 Aos Bispos de Portugal.

No dia 13 de maio, em Fátima, reunido com o episcopado português, o Papa afirmava que a Igreja do Terceiro Milênio nascerá da reevangelização. Esta Igreja terá o rosto de uma Igreja espelho da Trindade, embora composta de pecadores; será uma Igreja ministerial, sendo alma e consciência dos povos, impelindo-os ao respeito da dignidade humana e dos direitos de Deus. Igreja servidora do homem e "perita em humanidade", que ouve a voz dos sem-voz, que privilegia o homem sobre as coisas.

Igreja que diariamente vai ao encontro do Esposo nos pobres, marginalizados, tristes e desencaminhados. Com solicitude imensa e pedagogia paternal é preciso ouvir os gemidos do tempo e apascentar essa multidão de batizados que vivem desligados pela ignorância e na "marginalização" eclesial e por isso são mais vulneráveis ao secularismo e às seitas. A Europa, terra antiga e nova terra de evangelização, anela por um suplemento de espiritualidade. A nova evangelização deve fazer frente à nova civilização materialista (Cf. O. R. 10.05.1991, pág. 11).

6.3 À Conferência Episcopal Italiana.

Neste discurso João Paulo II faz três reflexões em torno da nova evangelização: Primeiro cita o nº 34 da "Christifidèles Laici" que já conhecemos. Segundo, afirma que a doutrina social da Igreja é parte integrante da N.E. E terceiro, aponta para alguns setores prioritários em relação à evangelização na Itália: a formação da consciência moral, a educação dos jovens, o ensino religioso nas escolas, a presença dos cristãos no campo político, a escuta da palavra e celebração da Eucaristia (Cf. O. R. 02.06.1991, pág. 3).

6.4 À Pontifícia Comissão Para a América Latina.

Aqui o Pontífice define a N.E. como uma nova estratégia evangelizadora, um plano global de evangelização que tenha em conta as novas situações dos povos latino-americanos e seja resposta aos desafios da hora presente entre os quais estão: o crescente secularismo, o grave avanço das seitas e a defesa da vida. Lembra ainda que a Doutrina Social da Igreja faz parte integrante da N.E. (Cf. O. R., 23.06.1991, pág. 18).

6.5 Ao Clero e Religiosos da Diocese de Vicenza.

Nesta oportunidade o Papa lembra o contexto social pluralista de hoje, as tendências secularistas, o nivelamento dos costumes, o consumismo, a indiferença que ofusca o evangelho.

Neste contexto a N.E. exige um estilo de vida do jeito de Jesus, fidelidade a Deus e aos deveres sociais, observância do Dia do Senhor, valorização da religiosidade popular. Cabe à N.E. esclarecer as interrogações, e evangelizar as instâncias éticas com o testemunho de vida, superando os sentimentos de insatisfação e desconfiança. É preciso que o clero diminua as distâncias do mundo e confie mais na graça (Cf. O. R. 22.07.1991, pág. 3).

6.6 Aos Bispos das Províncias de Sevilha e Granada.

A Espanha, que evangelizou, hoje precisa ser evangelizada e a N.E. urge: catequese, atenção às famílias jovens, pastoral vocacional, espírito missionário, formação religiosa nas escolas e de leigos, atenção às minorias étnicas e colaboração na solução das injustiças sociais (Cf. O. R., 01.12.1991, pág. 4).

7. A Nova Evangelização no Sínodo Especial Sobre a Europa.

7.1 As Intervenções na Sala Sinodal.

D. Stroba, bispo polonês, entende a N.E. como um novo elã catequético. Já F. Tondra, bispo da Iugoslávia, indica os Atos dos Apóstolos como modelo de N.E., isto é, começa de pessoa a pessoa, chega às comunidades e à sociedade. O bispo da Índia, S. D'Souza, entende que é na fraternidade, solidariedade, atenção aos pobres e uso dos M. C. S. que está a prioridade da N.E. Mereceu atenção especial a intervenção do Presidente do Episcopado Italiano D. Tettamanzi, famoso moralista, que afirmou não ser mais a razão a faculdade do bem e da verdade,

Cabe à N. E. refazer o tecido evangélico da moral

mas o desejo. O único critério da moralidade hoje é o desejo. Daí a crise moral, a negação da verdade objetiva, o triunfo do subjetivismo, a negação das normas. Cabe à N.E. refazer o tecido evangélico da moral que está no seguimento de Cristo, nas bem-aventuranças, nos conselhos evangélicos.

Já o cardeal Ratzinger defende que a evangelização antes de tudo deve falar de Deus, pois o reino de Deus é "Deus mesmo que se dirige aos homens". J. Laurens afirma que N. E. é antes de tudo auto-evangelização e o cardeal de Madri lembra a "pastoral da santidade" (Cf. O. R. 08.12.1991, págs. 4-8). Cabe ao cardeal Ruini fazer uma síntese das intervenções sinodais. Quanto à N.E. eis o que relatou o cardeal: Não se trata de um novo evangelho, mas sim de uma "plantatio Ecclesiae" a partir da fé que se torna vida, o isto se chama santidade. A evangelização *ad intra* atinge a catequese, a escola, a paróquia, os movimentos e o catecismo universal. A evangelização *ad extra* comporta: o testemunho de vida, a mobilização dos leigos, a

pastoral vocacional, a ação política, a inculturação e a liberdade religiosa, e no entanto é preciso evitar o "confessionalismo" (Cf. O. R. 22.12.1991, pág. 16).

7.2 A N.E. na Declaração Final do Sínodo Sobre a Europa.

É impressionante a reflexão dos bispos europeus sobre a Nova Evangelização da Europa (Cf. O. R. 29.12.1991, págs. 4-7). Vamos transcrever os principais tópicos. Na Europa de hoje vinga a propaganda ateuista, o secularismo, a brecha entre fé e cultura, e uma minoria participa plenamente da Igreja. Não se deve entender que a N.E. seja uma restauração da Europa, mas ela quer ser um estímulo para descobrir as raízes cristãs, para instaurar uma civilização mais cristã e mais humana. Esta evangelização é "nova" porque a Palavra de Deus é sempre nova e, por outro lado, ela é nova em relação às culturas. O anúncio central da N.E. é este: "Deus te ama. Deus veio para ti". Tal anúncio nunca deve faltar. Portanto não basta falar em "valores evangélicos" como justiça, paz, sem o anúncio de Cristo.

Outra dimensão essencial da N.E. é a "Plantatio Ecclesiae" que consiste em formar comunidades vivas, verdadeiros centros de animação missionária. A inculturação do Evangelho, a promoção humana, a defesa da vida, a construção da "cultura da solidariedade", o ensino da doutrina social da Igreja e a escuta do brado de Cristo sofredor que vem do Sul do mundo, onde povos sofrem injustiças e fome, são outros tantos aspectos essenciais da nova evangelização.

Lembram ainda os padres sinodais que a Igreja não se opõe ao desenvolvimento, mas procura purificá-lo desde o auto-evangelizar-se até atingir as estruturas sociais. Atenção especial é dada à dimensão da vida moral que passa por profunda crise. Finalmente, os pastores da Igreja alertam para o perigo da "subjetivização da fé" e para a necessidade da colegialidade e unidade com Roma, de modo especial entre teólogos e magistério como também o ecumenismo. Não esqueça a Europa rica de partilhar os seus bens, dizem os bispos.

Como podemos constatar, a nova evangelização tomou um lugar especial no Sínodo sobre a Europa (Cf. O. R., 29.12.1991, págs. 4-7). Muitas outras intervenções, assembléias, estudos estão sendo realizados sobre nosso tema. Colhemos aqui apenas alguns que nos pareceram mais significativos. Concluindo esta parte, gostaria ainda de assinalar o que disse João Paulo II à Pontifícia Comissão para os Congressos Eucarísticos Internacionais: "A nova evangelização é proclamar de forma nova o Evangelho; esta forma nova exige uma nova síntese entre fé e vida, fé e cultura, no ambiente social e cultural em que vivem os homens" (Cf. O. R., 24.11.1991, pág. 4).

Estudaremos a seguir a nova evangelização na sua "leitura" latino-americana. Veremos a contribuição de alguns episcopados, dos religiosos e principalmente de alguns teólogos.

III. A Nova Evangelização: Leitura Latino-Americana.

1. A Interpretação de Algumas Conferências Episcopais.

O episcopado do Equador, numa de suas assembléias, apontou seis eixos que caracterizam a N.E.: O anúncio de Cristo, a opção pelos pobres, a libertação como fruto da evangelização, a inculturação do evangelho, as Cebes como lugar privilegiado de evangelização e a participação dos leigos. Cabe à N.E. responder aos desafios da história, reconhecer as luzes e sombras da evangelização, colocar a Igreja em marcha missionária e animar-se com o martírio nos dias atuais (Cf. Medellín, março, 1992, pág. 25)

A CNBB tem feito a leitura da N. E. adaptada à realidade brasileira e latino-americana

A CNBB tem feito a leitura da N.E. adaptada à realidade brasileira e latino-americana e entende que não se pode falar em nova evangelização sem conexão com o Vaticano II, Medellín e Puebla. No Documento 45 sobre as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral, nossos bispos afirmam que a N.E. busca criar novas comunidades e exige profunda revisão das estruturas comunitárias (nº 17). "São os horizontes do atual momento histórico que conclamam todos os católicos para uma nova evangelização" (nº 1). Especialmente os batizados não-praticantes estão precisando ser evangelizados, pois perderam a fé e não mais se reconhecem como membros da Igreja (nº 59). Finalmente, lembram nossos bispos que a N.E. deve incluir a doutrina social da Igreja e a Teologia da Libertação (nº 231).

A Conferência Episcopal da Colômbia (O. R., 16.02.1992, págs. 6-7), afirma que a N.E. tem como meta fazer de Cristo Jesus o centro e a razão de ser da nossa vida pessoal e social nas circunstâncias concretas do nosso tempo. O campo prioritário desta evangelização é a catequese, a qual não deve ser uma simples aprendizagem de verdades, mas experiência pessoal de Deus e participação na vida da Igreja. Os bispos colombianos pedem, em nome da evangelização, o empenho de todos na vida social, na atenção aos marginalizados, na opção pelos pobres, na necessidade da promoção humana, na equitativa distribuição dos bens, na solução dos graves problemas nacionais como: o tráfico de drogas, a guerrilha e o paramilitarismo. Comprometem-se os bispos com uma nova estratégia evangelizadora levando em conta num primeiro plano a secularização, as seitas e a defesa da vida.

Como vemos, estes episcopados fazem uma leitura eminentemente libertadora e social da nova evangelização e a inculturam em suas realidades eclesiais e nacionais. Analisaremos a seguir a contribuição de alguns teólogos latino-americanos no que tange à nova evangelização.

2. A Contribuição de Alguns Teólogos Latino-Americanos.

Frei Nilo Agostini defendeu tese de doutoramento em Strassbourg, publicada pela Editora Vozes: "Nova Evangelização, Opção Comunitária e Movimentos Populares", Petrópolis, 1990. O autor entende que a N.E. acontecerá no encontro entre fé e pobreza (pág. 76). Não podemos dissociar Igreja, evangelização e conscientização (pág. 219). Os eixos da fundamentação da evangelização que se anuncia são: o pecado social, a cultura oprimida, a comunhão e participação, a relação entre fé e vida.

Na América Latina a evangelização só será nova se partir dos pobres e de suas lutas

Outro livro inspirado é de Frei L. Boff: "Nova Evangelização, perspectiva dos Oprimidos", Vozes, Fortaleza, 1990. O autor deseja que a N.E. aconteça sob o signo do diálogo com as culturas oprimidas e culturas novas, numa articulação entre evangelização e realidade histórico-social. Não pode faltar o confronto entre fé e mundo das injustiças e da pobreza. Na América Latina a evangelização só será nova se partir dos pobres e de suas lutas. Em Nossa Senhora de Guadalupe temos um bom método de evangelização libertadora. Maria se posicionou a favor do índio, sua língua, usa seus símbolos (págs. 118-120).

A C.R.B publicou em 1989 o livro: "Nova Evangelização Vida Religiosa no Brasil" (Publicações C.R.B). É uma obra muito elucidativa e esclarecedora, como também muito crítica em torno do nosso tema. F. Taborda escreve os artigos centrais e defende a tese de que temos três modelos de evangelização: Igreja sociedade-perfeita, Igreja povo-de-Deus e Igreja dos pobres. Uma N.E. se faz necessária exatamente face ao novo sujeito histórico: os pobres. A pobreza é velha, mas o novo está na conscientização das causas da pobreza. Esta novidade se impõe em três direções: o pobre é um "empobrecido", o pobre se organiza e luta, o pobre torna-se sujeito de sua libertação. Diante deste novo sujeito, é preciso uma nova evangelização.

"Novo ardor", escreve Taborda, é a nova espiritualidade que encontramos no seguimento de Jesus a fazer-se irmão dos desprezados e oprimidos. O método da nova evangelização será o seguimento de Jesus pobre e irmão dos pobres, de Jesus fiel a Deus e fiel à realidade. Portanto, o método novo da evangelização é o próprio Jesus. "Nova na expressão" significa a inculturação do evangelho, especialmente nas culturas oprimidas. Portanto, a N.E. realizará os sinais do Messias (Lc 7,22): "os cegos vêem, os coxos andam"... porque ela é exigência da realidade nova da história. O "novo" da evangelização provém da mudança da realidade histórica. Evitemos fazer da N.E. apenas um slogan, pois isto constitui um perigo: pensar que já evangelizamos porque projetamos fazê-lo.

Muitos outros teólogos latino-americanos escrevem nesta direção, como já acenamos em relação ao primeiro número de INTER (Instituto de Teologia para Religiosos — Revista de Teologia). Igualmente a revista Medellín, n° 62, 1990, dedica ótimas reflexões sobre o tema na América Latina. No Brasil temos ainda excelentes escritos publicados em "Convergência", reconhecida revista dos religiosos brasileiros.

3. Texto-Base do 8: Encontro Intereclesial de Cebis.

O texto começa afirmando que a N.E. quer ser e deve ser uma "conversão ao povo". Esta é uma das novidades mais marcantes da evangelização onde a justiça tornou-se a palavra chave. O documento pede também uma conversão às culturas oprimidas, onde acontece a "cultura da libertação". Só é possível uma nova evangelização dentro da "condição latino-americana", no contexto da cultura popular que é uma verdadeira "revolução cultural" fomentada pelos movimentos populares.

Neste contexto, a N.E. é uma dimensão de revolução cultural presente nas Cebis, nas pastorais sociais, e o sujeito dessa nova evangelização é o povo organizado e as Cebis (págs. 13-14).

Como podemos constatar, é um texto provocativo e radicalmente voltado para a dimensão libertadora da nova evangelização. Assim pudemos entrar em contato com a leitura e a literatura que relê a novidade da evangelização na ótica da libertação. D. Dao Joseph no seu artigo sobre as "Situações e Expressões da Nova Evangelização na Igreja Universal" (Seminarium, janeiro-março, 1991), entende que os principais eixos interpretativos da N. E. resumem-se em seis: o primado da vida espiritual, o elã missionário, a escolha dos pobres, a construção da paz, a necessidade de diálogo intra e extra-ecclesial, a encarnação do evangelho nas culturas.

Passaremos agora a uma outra releitura da N.E., precisamente a interpretação carismático-pentecostal e a conhecida "Nova Evangelização 2000".

IV. A "Nova Evangelização 2000" — A Leitura Carismática.

Em 1984, Pe. Thomas Forrest da Renovação Carismática e Mons. Luigi Giussani do movimento Comunhão e Libertação escrevem uma carta ao Papa, na qual sugerem uma década de evangelização até o ano 2000 como um "presente de aniversário" a Jesus, por estes dois mil anos de cristianismo.

A resposta do Papa foi dada através da Secretaria de Estado, pedindo mais informações sobre a iniciativa. As conversações continuaram, e em 1987 era inaugurado no Vaticano o Escritório Central da "Evangelização 2000". Outra iniciativa de evangelização pela via da informática e de satélites chamava-se "Lumen 2000" que tem uma história diferente da "Evangelização 2000". Hoje o projeto Lumen é iniciativa mais caritativa, enquanto "Evangelização 2000" desmembrou-se da Renovação Carismática e se tornou um projeto de evangelização autônomo.

Atualmente, além do Escritório Central, o projeto tem o Escritório Latino-Americano em Guadalajara (México), o Escritório Nacional em Belo Horizonte, a Escola Nacional em Goiânia, o Centro Nacional para a Formação de Apóstolos em Brasília, o Centro Nacional Juvenil no Rio e muitas Escolas Diocesanas e Paroquiais em 81 dioceses do Brasil.

Evangelização 2000 é um projeto evangelizador "querigmático": centraliza-se no primeiro anúncio e quer evangelizar os batizados

Evangelização 2000 é um projeto evangelizador "querigmático": centraliza-se no primeiro anúncio e quer evangelizar os batizados. O anúncio do querigma consta de seis passos: o amor de Deus, a experiência do pecado, a salvação em Jesus Cristo, a necessidade da fé e conversão, abertura ao Espírito Santo e inserção na comunidade.

A metodologia consiste em participar de um curso de 10 dias nos quais os evangelizadores são preparados para irem dois a dois nas casas e depois também nas ruas, ônibus, praças etc. Antes de saírem para a visita às casas os evangelizadores entram em jejum, passam uma noite em vigília e recebem o mandato pela imposição das mãos. Antes de bater nas portas a dupla evangelizadora reza pela casa que vai ser visitada, depois batem e, se foram acolhidos, anunciam o querigma, rezam pelos que aceitam uma oração e dão todas as informações paroquiais, pois

Os principais eixos interpretativos da N.E. resumem-se em seis

só podem evangelizar se tiverem permissão do pároco e do bispo local. A dupla evangelizadora não pode levar dinheiro no bolso e nem vir dormir em casa. Tudo fica por conta da evangelização, pois normalmente as pessoas oferecem pouso e refeição.

Ao apresentar-se nas casas, a dupla evangelizadora se apresenta em nome da paróquia e por isso deve estar bem informada sobre toda a vida e a programação da respectiva paróquia.

Numa experiência que fizemos na Paróquia da Trindade, em Florianópolis, encontramos a seguinte situação: a) Dentre dez casas visitadas, seis eram espíritas; b) Normalmente as pessoas ligadas a outras religiões vibravam com a iniciativa dos católicos; c) Os universitários e pessoas de classe média geralmente estão revoltados contra a Igreja, acham a religião uma coisa mágica e querem discutir questões de religião. Aliás, é proibido pela Evangelização 2000 discutir assuntos religiosos na visita às casas;

d) Muitos doentes encontram-se abandonados nas famílias visitadas; e) A miséria de muitos e o luxo de alguns convivem lado a lado; f) Há lindas experiências de acolhimento, de conversão, de volta à Igreja, mas há também quem foge, fecha a porta, solta o cachorro, faz gozação, duvida que se trata de gente da religião católica. Estas foram as experiências mais marcantes.

Como vemos, a Evangelização 2000 parte de uma forte espiritualidade, pois só evangeliza quem é evangelizado. Os sujeitos desta evangelização são os batizados não-evangelizados. Num primeiro momento se atinge a pessoa, mas logo em seguida ela é convidada a inserir-se na comunidade. De modo geral os passos são estes: a pessoa, a família e a comunidade.

A Nova Evangelização poderá ser a ponte entre libertadores e pentecostais

Acabamos assim de expor toda esta riqueza e este pluralismo de iniciativas evangelizadoras. Gostaria aqui de transcrever o pensamento de Claude Geffré no seu livro: *“Como Fazer Teologia Hoje”*, Paulinas. Eis o que diz o autor: “Na Igreja de hoje há duas espécies de testemunho profético: o de tendência mais sociopolítica e o de tendência mais mística. De um lado temos o testemunho profético dos cristãos da América Latina e dos países do Leste, dispostos a defender o evangelho com a própria vida, dispostos também a defender os valores implicados no evangelho, especialmente os direitos do homem. É verdade que neste final do século XX a Igreja de Cristo é uma Igreja profética no sentido em que, em muitos países pobres, não é mais aliada dos poderes constituídos, nem cúmplice de certo *status quo*. De outro lado, temos as comunidades carismáticas, que atestam a permanência e o poder do Espírito. Elas dão testemunho da presença de Deus no mundo. É muito lamentável que no cristianismo contemporâneo essas duas tendências freqüentemente se excluam mutuamente. Penso que é só o senso do Deus vivo que preserva o profetismo político de cair em messianismo puramente temporal. Por outro lado, são os frutos da caridade com os mais pobres de nossos irmãos que atestam a autenticidade cristã das chamadas comunidades carismáticas” (pág. 233).

Penso que nosso autor soube discernir onde está a chave que une e complementa o pluralismo evangelizador e pastoral. Enquanto os carismáticos confundirem teologia da libertação com esquerdismo e os progressistas taxarem a Renovação de “leléia”, estaremos dando espaço para a atuação do Espírito do Mal e para o sucesso das seitas. Abusos existem em todos os lados

e devem ser corrigidos. Penso que a Nova Evangelização poderá ser a ponte entre libertadores e pentecostais.

Conclusão

1. Percebemos no decorrer da pesquisa que houve um crescimento na concepção de João Paulo II sobre a N. E., desde seu anúncio em Porto Príncipe até os dias atuais. Do enfoque espiritual-pastoral chegou-se ao aspecto social, cultural e estrutural.

2. Nota-se que há várias releituras e interpretações. O magistério faz sua interpretação mais teológico-pastoral, a Europa prefere a visão catequética, já a América Latina assume a ótica libertadora, enquanto a Evangelização 2000 centraliza-se na conversão, pregação pessoal e inserção comunitária, numa nova metodologia.

3. Três desafios aparecem constantemente: a secularização, as seitas e a defesa da vida. Nesta realidade cultural nova é que o evangelho precisa ser inculturado e a cultura evangelizada.

4. Os documentos do Magistério apontam objetivos diferenciados para a nova evangelização. Assim, a encíclica *Redemptoris Missio* enfoca o anúncio na direção dos batizados, mas não evangelizados, que se afastaram de Cristo e da Igreja. A Exortação Apostólica *Christifidèles Laici* entende que a prioridade está na renovação do “tecido cristão da sociedade e das comunidades eclesiais”. Já a encíclica *Centésimus Annus* entende que a doutrina social da Igreja é parte integrante da nova evangelização.

5. Alguns autores como também representantes do magistério usam o termo N.E. quase como um slôgan e o aplicam, sem distinção, a qualquer outra necessidade pastoral ou missionária.

6. O conceito de “reevangelização” é ambíguo. Encontramos textos que dizem expressamente: Nova Evangelização não é reevangelização, como encontramos textos que a citam como um sinônimo de evangelização renovada.

7. A consciência da necessidade da evangelização e da ação missionária transparece em todos os setores da Igreja. Todos estão a clamar: “*Ai de mim se eu não evangelizar*” (1 Cor 9,16).

BIBLIOGRAFIA

- A. A. V. V., *Nova Evangelização e Vida Religiosa no Brasil*. Publicações C. R. B., Rio, 1989.
- ACOSTINI N., *Nova Evangelização e Opção Comunitária, Conscientização e Movimentos Populares*, Vozes, Petrópolis, 1990.
- BEOZZO O., *Curso de Verão, Ano V.*, Cesep — Paulinas, São Paulo, 1991.
- BOFF L., *Nova Evangelização, Perspectiva dos Oprimidos*, Vozes, Fortaleza, 1990.
- KLOPPENBURG B., *Por Uma Nova Evangelização*, Vozes, Petrópolis, 1990.

Endereço do Autor:
ITESC — Ex. Postal 5.041

88040-970 — FLORIANÓPOLIS, SC